



AD.: UN.: TER.: ORB.: SUM.: ARCH.: GL.:
Supr.: Cons.: do Brasil do Gr.: 33 para o R.: E.: A.: A.:
Delegacia Litúrgica nº 24.1
Mui Poderoso Consistório de Príncipes do Real Segredo nº 50.016
Acampamento de Brasília

SUP.: CONS.: DO BRASIL DO GR.: 33 PARA O R.: E.: A.: A.:

DELEGACIA LITÚRGICA DE BRASÍLIA

CONSIST.: DE PRINC.: DO REAL SEGREDO Nº 16

**A DOUTRINA DO RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO
UM ESFORÇO DE ESPECIFICAÇÃO**

Autor: Rubi Germano Rodrigues
IME 065.166
CIM 196.900
Outubro/2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao saudoso irmão JOFERLINO MIRANDA PONTES, a quem devo a indicação do rumo certo a seguir na busca, a explicitação do modelo maçônico de Universo e inesquecíveis viagens ao sabor do chá das cinco. Só faltou mesmo deixar o nome de quem havia escalado para me introduzir na Cabala.

Senhor,
faça-se em mim
segundo a Tua vontade
e conceda-me sensibilidade e discernimento
para entendê-la cada vez mais e melhor.

Rubi G. Rodrigues

A DOCTRINA DO RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO

UM ESFORÇO DE ESPECIFICAÇÃO

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	3
2 PRINCIPAIS IDEIAS PRESENTES NOS 33 GRAUS.....	4
3 A PRESENÇA DA PRINCIPAL IDEIA NA ESTRUTURA ORGANIZATIVA DA SÉRIE.....	4
4 A DOCTRINA DO VERBO SOLAR E A SUA EXPRESSÃO LÓGICA MODERNA..	6
5 A PRESENÇA DA DOCTRINA NOS ÚLTIMOS CINCO MIL ANOS.....	15
5.1 A versão geométrica do Verbo Solar.....	17
5.2 A versão matemática do Verbo Solar.....	20
5.3 A versão maçônica do Verbo Solar.....	25
6 CONCLUSÃO.....	28
7 REFERÊNCIAS.....	32
ANEXO – COLETA DE DADOS – PRINCIPAIS IDEIAS PRESENTES NOS 33 GRAUS.....	33

1 INTRODUÇÃO

O Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito, fundado em 12 de novembro de 1832, constitui potência maçônica brasileira de caráter iniciático, filosófico e educativo. Sua doutrina está contida na hierarquia de 33 graus do Rito Escocês Antigo e Aceito e, estatutariamente, sua ação educativa objetiva desenvolver e aperfeiçoar maçons, em prol da Ordem, da Pátria e da Humanidade.

Dado que a Ordem Maçônica possui presença em praticamente todos os países e sendo o Rito Escocês o mais praticado, temos de admitir que ele deve contemplar elementos justificadores dessa pujança. Para justificar presença, virtualmente planetária, temos de admitir, ainda, que estamos diante de projeto educativo de grande envergadura. Cumprir o ciclo de estudos sai caro, e o Rito não possui outros atrativos além do estudo e do trabalho. Qual seria, então, a razão desse sucesso? Quer nos parecer que a resposta somente pode ser uma: a excelência do conhecimento que ele disponibiliza ou da doutrina que ele professa.

Que doutrina é essa? O que essa doutrina possui de tão importante para atrair tanta gente? Trata-se de doutrina completa e acabada ou ainda em formação? Qual a sua origem? Tendo o Rito sido criado em 1786, quais os antecedentes doutrinários que ensejaram a sua inclusão na senda dos 33 graus? Essa doutrina já foi aplicada em larga escala e já produziu frutos importantes no passado? Ela continua válida diante das conquistas modernas da Física Quântica, da Biologia Genética, da Teoria do Conhecimento e das novas descobertas da Astronomia?

Percebo, no Grau 30, uma guinada do estudo no sentido dos problemas organizacionais e administrativos da Ordem e suponho que essa linha deva persistir até o Grau 33. De qualquer forma, não vejo como encerrar esse ciclo de estudos sem enfrentar e tentar dar resposta a essas questões. Penso, também, que as respostas dadas a elas nos permitirão avaliar a efetiva compreensão da doutrina pelos postulantes, o que se afigura extremamente útil para os responsáveis pela sua administração, mas também representa importante recurso de autoavaliação para o próprio formando, inclusive quanto às reais potencialidades do acervo de conhecimentos que acaba de conquistar. Essa doutrina e esse conhecimento, efetivamente, podem ser-lhe úteis na vida? Em que medida?

Motivados por essas interrogações, resolvemos desenvolver um estudo orientado pela seguinte estratégia: iniciar resgatando os principais conteúdos de sabedoria presentes em cada um dos 33 graus, identificar o principal deles e ordenar esse resultado dentro da estrutura organizativa da série. Esperamos, com isso, poder

identificar a doutrina contida e proceder a sua especificação possível. Na sequência, vamos buscar, na Antiguidade, os antecedentes históricos dessa doutrina e examinar como se deu a sua evolução, virtualmente, até os dias atuais. Para finalizar, podemos situá-la no contexto da ciência moderna e aferir como ela se situa diante do saber e dos modos de pensar que emergem na atualidade.

Não esperamos com esse percurso dar respostas cabais para todas as perguntas formuladas, mas esperamos, no mínimo, jogar alguma luminosidade sobre os resultados que alcançamos com nossos esforços e sobre as reais potencialidades que nos instrumentalizam, enquanto maçons formados no Rito.

2 PRINCIPAIS IDEIAS PRESENTES NOS 33 GRAUS

As principais ideias presentes nos 33 graus são apresentadas no anexo deste trabalho, em que relatamos as principais proposições e conceitos que integram e caracterizam cada grau. Nesse anexo, destacamos em negrito os graus obtidos por iniciação e depois de compreender o conjunto, em face da estrutura da série, destacamos também em negrito as menções à ideia central que, no nosso entender, sintetiza, define e identifica a doutrina.

3 A PRESENÇA DA PRINCIPAL IDEIA NA ESTRUTURA ORGANIZATIVA DA SÉRIE

A estrutura organizativa da série de 33 graus está definida no Estatuto do Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito que, na sua versão de 2008 e em seu artigo 58, enumera e classifica os 33 graus distribuídos pelos corpos subordinados. Esses corpos subordinados compreendem cinco níveis de estudo que, sendo complementares entre si, definem uma hierarquia que divide a série em cinco escolas ou instâncias, a saber:

1ª) Lojas Simbólicas → **G. 1 – G. 2 – G. 3**

2ª) Lojas de Perfeição → **G. 4 – G. 5 – G. 6 – G. 7 – G. 8 – G. 9 – G. 10 – G. 11 – G. 12 – G. 13 – G. 14**

3ª) Capítulos Rosa-Cruzes → **G. 15 – G. 16 – G. 17 – G. 18**

4ª) Conselhos de Kadosch → **G. 19 – G. 20 – G. 21 – G. 22 – G. 23 – G. 24 – G. 25 – G. 26 – G. 27 – G. 28 – G. 29 – G. 30**

5ª) Consistórios → **G. 31 – G. 32 – G. 33**

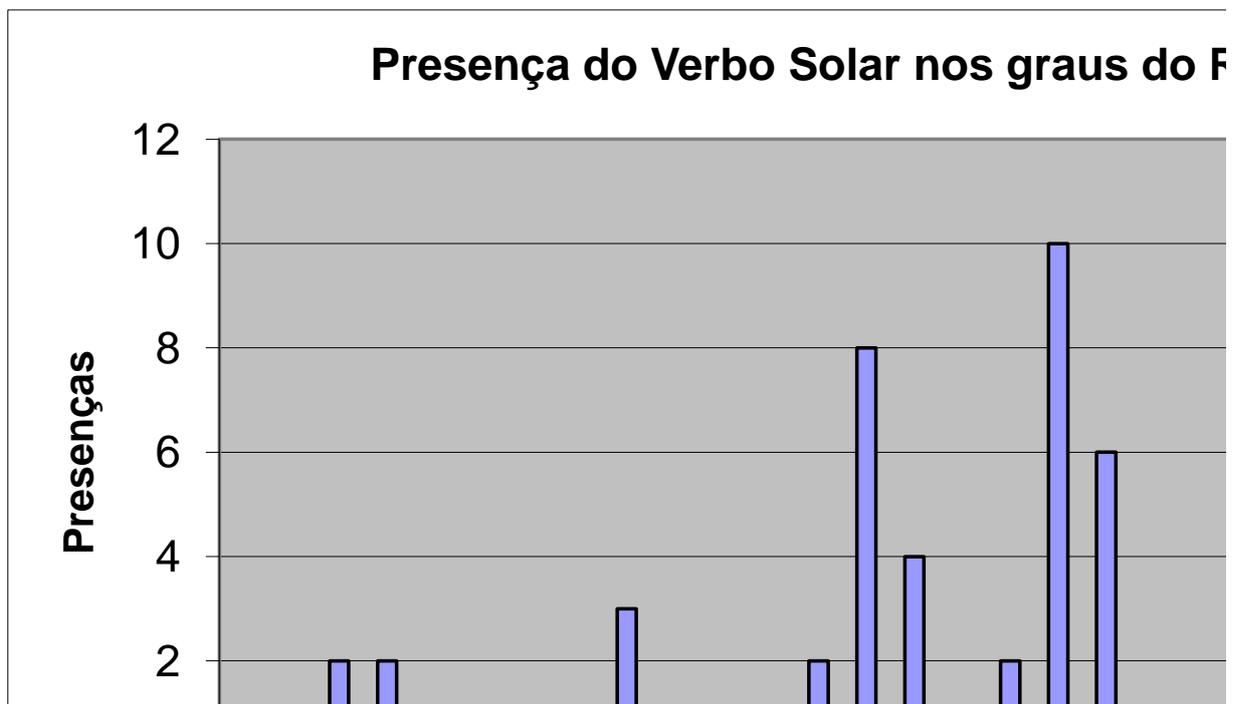
Para análise dos dados coletados e valoração dos conteúdos conceituais, consideramos como hipótese principal que, em termos de conteúdo doutrinário, cada uma das cinco instâncias deveria ter, no último grau, o seu ponto doutrinário culminante.

Como hipótese secundária, mas complementar, consideramos que os graus obtidos por iniciação devem ser doutrinariamente mais importantes que os obtidos por comunicação.

Munidos dessas premissas, fomos examinar os conteúdos conceituais coletados e constatamos que, procedendo a um pequeno ajuste relativo à primeira premissa, substituindo o Grau 30 pelo Grau 29, no final do Conselho, surgia uma presença conceitual predominante que, claramente, correspondia ao núcleo central da doutrina.

Embora a presença desse núcleo central da doutrina seja indicada com muitos nomes ou expressões diferentes, sempre correspondem a uma mesma ideia básica: **Verbo, Logos, Palavra Perdida, Palavra de Amor, a Verdade**, em suma, o **Poder Normativo Universal** que, em um Universo organizado, responde pela geração e desdobramento de tudo o que nele existe, inclusive da matéria e da vida.

Identificado o mote central da doutrina e considerado o grau de concentração dos conteúdos de cada grau em torno desse mote central, foi possível montar um gráfico de barras representativo dessa presença e, assim, demonstrar que o padrão doutrinário apresenta justamente presença quantitativa predominante, no início e no final das quatro primeiras instâncias da série, que constitui a parte conhecida pelos Cavaleiros Kadosch (adiante, justificaremos a designação de Doutrina do Verbo Solar).



Como se observa, a presença ou a focalização do Verbo aparece justamente no início e no fim de cada instância, confirmando nossa primeira hipótese. As exceções ficam por conta do Grau 9, em que a presença do Verbo é significativa, sem que tenhamos identificado as razões estruturais disso, e do Grau 30, que sabidamente se volta para as questões administrativas da Ordem, antecipando o clímax doutrinário

para o Grau 29, embora a Escada Mística presente no Grau 30, em seus degraus ascendentes, na senda do preparo intelectual do iniciando, oriente-se pelo Amor a Deus e, portanto, também aponte para o Verbo.

Obviamente, essa estatística vem apenas corroborar de outra forma o que já era evidente, em face do arrebatador poder paradigmático do próprio Verbo, em torno do qual se desenrola, tanto a Lenda de Hiram, que catalisa toda a Loja de Perfeição, quando a palavra se perde, quanto à alegoria da Jerusalém Celeste, que catalisa todo o Conselho Kadosch, quando a palavra é reencontrada.

Em sentido doutrinário, o Grau 18 sintetiza a proposta doutrinária do Rito Escocês de 33 graus. Nele, os trabalhos são abertos quando a Palavra foi perdida e “as trevas se estenderam sobre a Terra” e são encerrados quando a Palavra foi reencontrada e “a Nova Lei passou a predominar entre os homens”. Um percurso que também indica as razões estratégicas que ensejaram a criação do Rito e, hoje, justificam tanto a manutenção da Potência, quanto o entusiasmo dos escoceses.

4 A DOCTRINA DO VERBO SOLAR E A SUA EXPRESSÃO LÓGICA MODERNA

A hipótese de existência de um Poder Normativo Universal regulando tudo o que existe no mundo, do átomo às galáxias, decorre de hipótese ainda mais elementar que considera ser o Universo essencialmente organizado e não essencialmente caótico. Para que qualquer âmbito seja organizado, é logicamente indispensável um índice que desempenhe o papel de referente, isto é, que desempenhe o papel de princípio ordenador. Consequentemente, esse Universo, à semelhança de um cone, terá apenas um ponto de origem e apenas uma ordem. A busca da Palavra Perdida, hoje e em todos os tempos, atrai o ser humano como uma caça ao tesouro, justamente porque a compreensão e o domínio desse Poder Normativo prometem franquear, em alguma medida, a compreensão dessa ordem cósmica.

Para início de conversa, tenha-se em mente que não há ciência sem premissas, sem hipóteses ou sem axiomas. Ser o Universo organizado é a única hipótese de partida necessária (e também suficiente) ao Rito Escocês para formular a sua doutrina. Portanto, essa doutrina somente tem sentido para seres humanos que aceitem essa hipótese, não tendo qualquer utilidade para quem pense ser o mundo caótico. Essa é a razão profunda do *Landemark* maçônico que exige do candidato a crença na existência de um Princípio Criador e a razão pela qual os sindicantes não podem transigir nesse aspecto, sob pena de gerar frustração e perda de tempo para ambos os lados.

Os estudos e as pesquisas que desenvolvemos nos últimos trinta e cinco anos, os últimos dez dentro da Maçonaria, mostraram-nos que o Universo é organizado, inteligentemente organizado, e que toda essa maravilhosa arquitetura é presidida por um pequeno e singelo conjunto de leis. Na base de toda essa fantástica sinfonia cósmica, surpreendentemente, há uma desconcertante simplicidade normativa.

Desde que a centelha da razão despertou a sua consciência, o homem tem procurado entender essa engenharia e tem buscado identificar o Poder Normativo responsável por essa maravilha. Encontrou? – Encontrou! Mais de uma vez. Aliás, por diversas vezes, o que indica que o perdeu outras tantas. Em razão disso, esse Poder Normativo Universal já recebeu muitos nomes, segundo as circunstâncias e as épocas: **Verbo, Logos, Verdade, Palavra essencial e eterna do Pai, Palavra Perdida, Palavra de Amor, Dédaca Sagrada, Pentagrama, Triângulo Sagrado, Árvore dos Sephirots, Osíris, Verbo Solar, Mônada, Unidade Primordial** etc.

O nome é certamente relevante, mas é virtualmente inútil, caso não venha acompanhado de especificação reveladora de todo o seu significado. E a questão aqui é sempre como desenvolver uma explicação suficientemente clara ou adequada à cultura vigente. Conta a Lenda que *Jabulum, Joabem e Stolkin*, “por concessão divina acharam o Santo Nome gravado no novo Arco, debaixo da pedra em que Enoch o havia escondido sob o Santuário do Templo”. Uma belíssima e poética descrição. Nós também temos perscrutado a Pedra Cúbica em busca dessas leis constitutivas e pensamos que nos foi concedido um pequeno vislumbre das letras que formam o Santo Nome, isto é, um pequeno vislumbre da sua estrutura constitutiva. Pensamos que o projeto humano, possivelmente, não comporta capacidade intelectual suficiente para compreender esse Poder Normativo em toda a sua extensão significativa, mas acreditamos que podemos entender seus principais elementos constitutivos e seus modos básicos de operação, pois somente assim se justifica essa fixação dos homens de todos os tempos, em busca da Verdade ou da Palavra Perdida, e compreendem-se igualmente certas façanhas civilizatórias da Antiguidade que ainda vamos apontar. Nossos estudos foram desenvolvidos dentro da moderna cultura científica e revelaram que esse Verbo contempla uma constituição que combina Geometria, Lógica e Matemática. Por isso, embora reconheçamos maior poder comunicativo nas linguagens alegóricas, mitológicas e poéticas, tais disciplinas exigem precisão, e não podemos fugir de sua linguagem, pois se trata de resgatar um conhecimento que possa ser instrumental e útil para a vida do homem contemporâneo: um homem que exige rigorosa racionalidade. Podemos, porém, ir fazendo aproximações até chegar à nossa versão lógica do *logos*.

Aldo Lavagnini, em seu texto dedicado ao Segredo Maçônico (LAVAGNINI, 1973), começa o capítulo primeiro esclarecendo a posição básica a partir da qual a Maçonaria se lança ao trabalho. Textualmente, ele afirma: “No princípio era o Verbo (*logos*)’ – Sobre esse primeiro versículo do Evangelho de João, os maçons apoiam o esquadro que simboliza o critério da razão e abrem o compasso da compreensão”. E continua: “Como princípio essencial e fundamento eterno de todas as coisas, existe primeiramente um *logos* ou Verbo, ou seja, uma ideia arquetípica da qual a Palavra é o símbolo e que se fará carne em sua expressão exterior, no mundo da existência relativa”.

Esse modo alegórico de indicar o Poder Normativo Universal é muito eficaz porque consegue comunicar, virtualmente, para qualquer pessoa o significado geral que se tem em mente. Como essa ideia encontra ressonância nas intuições mais íntimas de todos que alguma vez observaram e se encantaram com a natureza, compreende-se por que essa intuição vem sendo cultivada e preservada desde tempos imemoriais. Ocorre, porém, que, expresso apenas alegórica ou poeticamente, como “Verbo que se faz carne” ou como “*logos* da racionalidade”, permanece a intuição da verdade, mas não se esclarece de que maneira esse conhecimento pode ser-nos efetivamente útil na vida. Sim, concordo! Existe uma lei básica regendo tudo, mas de que isso me serve se não a conheço e se não a domino?

Esse é o questionamento natural ou próprio da cultura científica moderna. Não basta um nome, é preciso esclarecer quais leis são essas, como funcionam e como as uso e aplico na vida. Busquemos, então, esse esclarecimento partindo não das ciências exatas, como já o fizemos em outras oportunidades (RODRIGUES, 1999, 2011), mas partindo de intuições desenvolvidas dentro da cultura maçônica.

Lavagnini, no seu Manual do Aprendiz (LAVAGNINI, 1998), ensina-nos que “o conhecimento da unidade – um conhecimento que, para ser o que é, precisa superar a ilusão de dualidade entre sujeito que conhece e objeto conhecido, que tem sido a base do conhecimento ordinário – é o objeto supremo de toda filosofia e de toda religião: todo conhecimento relativo que se alicerça no reconhecimento da Unidade como Primeiro Princípio baseia-se na Realidade; toda ciência ou conhecimento que o desconsidere não é verdadeira ciência nem verdadeiro conhecimento, posto que se apoia fundamentalmente na ilusão.”

Para Lavagnini (1973), a Primeira Lei ou o Primeiro Princípio do verdadeiro iniciado é o princípio da Unidade do Todo, isto é, somente compreendendo que tudo integra a mesma unidade é que vislumbramos a Realidade. Não reconhecer isso,

afirma, implica admitir que possa haver dois princípios fundamentais e antinômicos e, assim, viver na ilusão.

Nós concordamos com Lavagnini. Em um universo organizado, somente pode haver um princípio ordenador, de sorte que todos os fenômenos que virtualmente participem desse universo possuam uma ontologia básica comum, embora possam diferir em realização e apresentar aparências e complexidades distintas.

O discurso de Lavagnini não é exaustivo no sentido de esgotar as coisas e, com isso, ganha em comunicação. Nós temos de ser mais precisos e observar que na realidade se oferecem tanto a totalidade universal que, concordamos, é unitária, quanto unidades fenomenológicas singulares, de diferentes níveis, responsáveis pela diversidade fenomênica manifesta no mundo. Embora essas unidades singulares sejam apenas ilusoriamente independentes, já que estão integradas inescapavelmente na totalidade cósmica, elas contemplam também uma totalidade relativa aos seus termos e, portanto, também uma unidade relativa, ambas reproduzindo, no microcosmo, a mesma estrutura básica presente no macrocosmo da totalidade universal.

Com isso, o modelo descritivo capaz de explicitar essa estrutura básica, necessariamente, precisa revelar uma estrutura que se replica harmoniosamente, isto é, dotada da propriedade de combinar-se com estruturas idênticas a ela, para a construção da diversidade e da complexidade, até chegar às estruturas das totalidades singulares, e estas, por sua vez, combinarem-se com as demais que integram e compõem a diversidade, até chegar à totalidade cósmica. Rigorosamente, este requisito exigido de uma estrutura, para que ela efetivamente seja universal, isto é, que possa, por replicação e perfeito encaixe da mesma estrutura consigo mesma, reproduzir a diversidade manifesta no cosmo, a partir das singularidades já vislumbradas no plano subatômico, contemplando a vasta cadeia de níveis agregativos que também já se conhece, até formar as galáxias, reduz as possibilidades a uma só: necessariamente, essa estrutura precisa ser geométrico-dimensional para poder comportar a infinita diversidade fenomênica já realizada e ainda por realizar. Além disso, precisa possuir a propriedade de estabelecer vínculos flexíveis com seus pares de mesma instância e vínculos transcendentais com as instâncias que lhe antecedem e lhe sucedem na escala de complexidade.

Embora isso pareça complicado, é, na verdade, muito simples. As partículas subatômicas interagem entre si na constituição do átomo. Os átomos, por sua vez, combinam-se para formar moléculas, e estas se combinam para formar os tecidos ou a matéria. O que cumpre observar é que o átomo é mais do que a mera soma das suas

partículas constitutivas, pois apresenta propriedades próprias que não se confundem com as propriedades das suas partículas. Isso significa que o átomo transcende a mera soma das partículas e instaura um plano de realidade que transcende a realidade das partículas, aportando propriedades inexistentes no plano delas.

Com isso, apesar da resistência dos intelectuais modernos com o conceito de transcendência, verificamos que se trata de um movimento muito comum da Realidade com o qual convivemos todos os dias. Toda totalidade transcende a soma das suas partes e, mesmo em se tratando de produtos humanos, contemplam propriedades que não estão presentes nas suas partes constitutivas. As peças de um automóvel espalhadas no chão de um galpão, por exemplo, não possuem a propriedade de transportar pessoas, mas caso essas peças sejam encaixadas uma nas outras, obedecendo a certo plano e a certa ordem, surge um veículo que possui tal propriedade. Observe-se que, uma vez montado, o veículo constitui uma totalidade que transcende o plano das peças em muitos aspectos e não apenas em capacidade de transportar pessoas. É mais complexo, possui um plano organizativo ou uma organização específica, gera nova instância de complexidade, subsiste no tempo como uma nova unidade e interage com os demais fenômenos presentes. Há nitidamente uma força integradora que preserva essa organização e mantém o veículo como unidade e como totalidade. Possui propriedades que lhe são exclusivas etc.

Portanto, o movimento de transcender é muito mais comum e muito mais geral do que o caso particular, focado pela tradição no nascimento e na morte do homem. Em termos puramente lógicos, transcender indica o surgimento de um novo fenômeno em qualquer plano da Realidade e não apenas entrada e saída de seres vivos no mundo. Tudo o que existe no mundo surge e desaparece com movimentos de padrão transcendental, seja um fato ou uma catástrofe de ordem natural, um evento social, uma atitude humana, um ato de amor, um pensamento, uma meditação, um sonho. Ao que tudo indica, não há exceção a essa regra e, nesse modelo, o próprio Universo obviamente também surge em um movimento de padrão transcendental.

Com isso, fica claro que o nosso modelo descritivo desse Verbo ou desse *logos* precisa contemplar esse padrão transcendental de movimento para poder dar conta do que acontece no mundo. Por outro lado, essa descrição precisa ser feita em uma linguagem que seja capaz de expressar essa transcendência, mas que, ao mesmo tempo, também preserve elementos de rigor lógico que satisfaçam as exigências de uma cultura de feição científica. Exigências essas sabidamente não contempladas em relatos poéticos, alegóricos ou mitológicos.

A ciência que atende a tais exigências e contempla conceitos capazes de expressar esse contexto é a Geometria. A Maçonaria fala de Verbo, mas coloca o Grande Arquiteto do Universo como Princípio Criador e fonte originária do próprio Verbo. Na expressão de João, “a palavra essencial e eterna do Pai”.

Essa fonte criadora, por exigência estrutural, possui caráter absoluto e, também, por imperativo estrutural, confere ao mundo criado caráter relativo. A única Geometria capaz de contemplar tanto uma instância absoluta como uma instância relativa é a Geometria dimensional: a concepção geométrica que divide o mundo em instâncias de diferentes amplitudes dimensionais.

Apesar do formato geométrico-dimensional, a concepção continua sendo muito simples: entende que todos os fenômenos manifestos no mundo ocupam um âmbito no plano da existência, da mesma forma que todo corpo tridimensional ocupa lugar no espaço. Em ambos os casos, o fenômeno ocupa lugar ou certa amplitude no mundo considerado, mas os mundos considerados nos dois casos são diferentes, porque são visões de mundo que resultam de referenciais ou paradigmas diferentes. No caso do corpo que ocupa um lugar no espaço, o mundo está contido nesse espaço, que sabemos possuir, geometricamente, três dimensões. O referencial ou paradigma aqui usado é o chamado modelo das “ordenadas cartesianas”, que entende e implica estar o Universo contido no âmbito do espaço.

No caso do fenômeno que ocupa um âmbito no plano da existência, o mundo ou plano de existência considerado possui cinco instâncias dimensionais distintas que se diferenciam entre si em amplitude métrica. O referencial ou paradigma aqui usado é o que chamamos de “modelo dimensional do campo existencial” que entende e implica que o Universo estende-se para além e para aquém do tridimensional espaço cartesiano, aportando conteúdos existenciais de cinco classes diferentes: conteúdos de uma dimensão, de duas dimensões, de três dimensões, de quatro dimensões e, ainda, conteúdos existenciais inerentes a uma instância de totalidade dos fenômenos.

Fruto dos nossos esforços para especificar o lugar geométrico ocupado pelos fenômenos no plano da existência relativa, desenvolvemos o modelo dimensional de campo que a seguir transcrevemos.

Figura 1 – Modelo dimensional do campo

ESTRUTURA DO CAMPO		COMPLETUDE DO CAMPO
N	Dimensões desconhecidas	
4	Quarta dimensão	
3	Terceira dimensão	
2	Segunda dimensão	
1	Primeira dimensão	

Como se observa no modelo, da primeira à enésima dimensão, está todo o fenômeno contido e, por isso, esse âmbito corresponde à abrangência completa do campo, conforme representado na parte direita da figura. Esta representação mostra quatro instâncias dimensionais que são cumulativas e obtidas por desdobramento de uma dimensão a partir da instância inaugural de uma dimensão, que é por onde o fenômeno começa a se revelar no mundo relativo. A faixa preta indica a instância adimensional que é o único âmbito geométrico capaz de comportar atributos absolutos. Nesse modelo, o adimensional representa a fonte originária dos fenômenos, designada por G.A.D.U. pela Maçonaria.

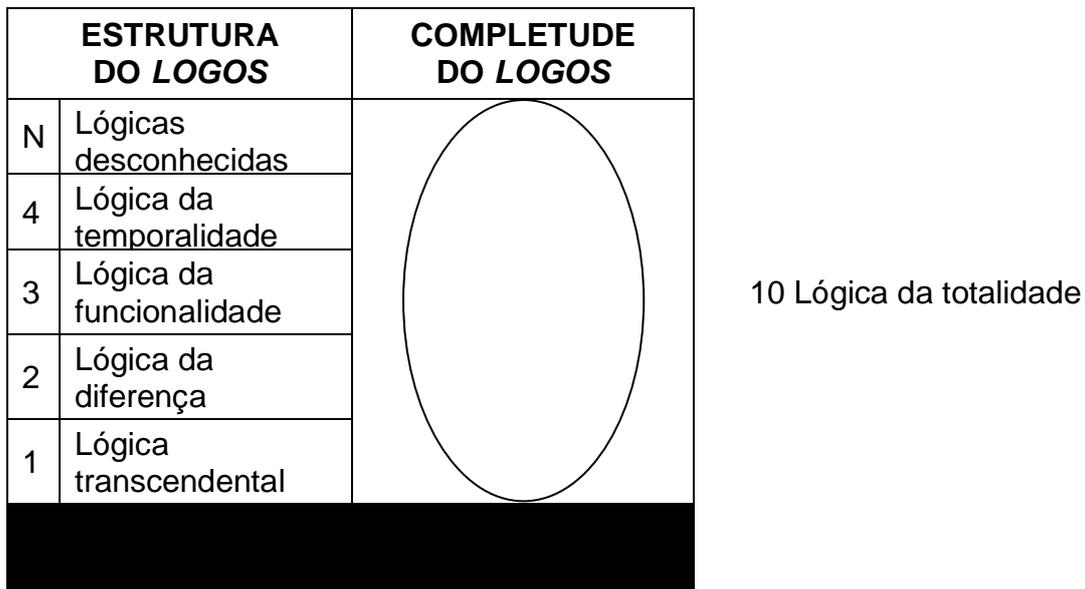
As instâncias dimensionais limitam-se às quatro iniciais porque o homem, atualmente, não consegue perceber, vislumbrar e nem mesmo pensar algum conteúdo existencial que possua cinco dimensões. Dado que isso eventualmente pode mudar com o tempo, eventuais instâncias superiores estão indicadas como desconhecidas.

O desdobramento reiterado da primeira, segunda, terceira e quarta dimensões bem como o ato de atingir a totalidade, claramente, estabelecem uma senda de crescente complexidade que estará presente em todos os fenômenos moldados por essa estrutura. Isso vai imprimir a todos os fenômenos uma tendência estrutural de permanente superação dos estágios de complexidade nos quais se encontrem. Todos os fenômenos estarão sempre imbuídos de impulso para a complexidade que na vida ordinária vai-se manifestar de muitos modos, como, por exemplo, busca de autoaperfeiçoamento, vontade de progredir e de saber mais, busca de aperfeiçoamento social e político etc.

O mais importante, porém, é que, nesse modelo, estruturalmente, cada instância dimensional disponibiliza uma amplitude existencial própria e que essas amplitudes determinam padrões específicos e também diferenciados de movimentos, e estes, por sua vez, determinam os modos de manifestação existencial que são admitidos no plano da existência relativa ou no mundo em que vivemos. Ao fazer isso, esses padrões de movimento configuram-se como leis universais determinantes de tudo o que existe em um mundo dimensionalmente concebido, inclusive a racionalidade humana e os padrões de inferência possíveis, isto é, as lógicas facultadas ao homem.

Dado que se trata de uma estrutura universal, essas leis que regulam a manifestação existencial de todas as coisas determinam, também, os modos possíveis da racionalidade e do pensamento. Essas leis, quando aplicadas à natureza externa à mente humana, podem ser entendidas como leis universais, mas, quando determinantes dos modos de pensar, recebem historicamente o nome de lógicas. Com isso, é possível montar outro modelo representativo do conjunto das lógicas facultadas ao homem e atribuir-lhe, com toda a justiça, o nome de *logos* da racionalidade humana.

Figura 2 – Modelo representativo do *logos* normativo da racionalidade humana



Como se observa, trata-se do mesmo modelo representativo do campo existencial, apenas substituindo as instâncias dimensionais pelos padrões de movimento existencial patrocinados pelas instâncias, isto é, pelas leis universais constituintes da realidade, no caso, expressas como lógicas, posto que se trata da organização da racionalidade humana.

Eis aí a versão lógica do *logos* que define o espaço de possibilidades inferenciais da mente humana nesta quadra dos tempos.

Pensamos não ser o caso de repetir aqui a demonstração de que essa estrutura comporta apenas Lógica, Geometria e Matemática. Tampouco justificar que as diferentes amplitudes determinam padrões diferenciados de movimento e como chegamos a caracterizar a lógica como padrão de movimento. Também demandaria muitas páginas explicar como a Realidade e os fenômenos podem ser descritos com o uso desse modelo. Isso tudo está discutido nos dois livros citados e requer um estudo de maior fôlego.

Afigura-se-nos, porém, adequado um pequeno resumo dos modos de pensar possibilitados pelos cinco padrões lógicos que compõem o *logos*. Vamos a isso.

A lógica transcendental opera conteúdos unidimensionais, entre os quais destacamos perceber a presença de um ser, identificar alguém ou alguma coisa, atribuir-lhe um nome, intuir algo novo ou inusitado e pressentir alguma coisa. O inferido é sempre unitário porque na primeira dimensão, tal como em uma reta ideal que também possui amplitude unitária, apenas cabe um atributo: a direção ou o sentido da reta.

A lógica da diferença nos permite-nos estabelecer e reconhecer as diferenças manifestas na realidade e proceder todo tipo de classificação e ordenação. Dado que ela opera apenas conteúdos de duas dimensões, âmbito do qual o plano ideal é paradigma, opera conteúdos estruturalmente submetidos à simetria que se impõe sempre a tudo o que existe em tal âmbito, um simétrico que pode ser real ou meramente potencial. Deve-se isso ao fato de a simetria ser componente estrutural do plano, instância de duas dimensões.

A lógica da funcionalidade, também conhecida como lógica clássica porque já especificada por Aristóteles, constitui uma lógica da mera consequência, em que causa e efeito possuem relação estável, dado que um terceiro termo já está de antemão excluído. Essa lógica contempla movimentos típicos da instância de três dimensões que é a instância da materialidade e do espaço. A teoria dos sistemas que contempla o padrão de movimento presente em sistemas fechados constitui um bom exemplo de aplicação dessa lógica, em que, dadas as mesmas causas e circunstâncias, esperam-se e obtêm-se sempre os mesmos resultados. Essa é a lógica da materialidade e da ciência atual.

A lógica da temporalidade, também chamada de lógica dialética, contempla as interações e as resultantes dos encontros dos fenômenos entre si na linha do tempo. Nesse modo de pensar, do encontro de tese e antítese, resulta sempre uma síntese, que é apenas provável e que, portanto, apenas pode ser estimada, nunca precisada como no caso da terceira dimensão. Na quarta dimensão, os fenômenos estão sempre

mudando, e a entropia encarrega-se de colocar tudo em risco, de sorte que todos os fenômenos precisam administrar dialeticamente as suas presenças no mundo, interagindo com os demais fenômenos com quem partilham a existência. Essa é a lógica da história.

Finalmente, a lógica da totalidade. Como sugere a superfície da esfera ou do ovo, é uma lógica que privilegia a complementaridade. Seu movimento é integrador, já que responde pela completude do fenômeno que, para isso, precisa superar as dicotomias presentes nas partes que, intestivamente, o integram. O pensamento é, portanto, de molde cooperativo, aglutinador, ecumênico e não excludente. Essa é a lógica holística.

Segundo essa tese, todos os pensamentos humanos enquadram-se em um desses cinco tipos. Com isso, a versão lógica do *logos* disponibiliza uma ferramenta que faculta ao homem o uso metódico e controlado da faculdade de pensar, capitalizando e utilizando todos os recursos lógicos disponíveis na mente humana. Com isso, o Verbo de João assume a configuração de referencial capaz de viabilizar o uso metódico e otimizado da razão.

Será isso capaz de ampliar a capacidade de discernimento e, também, a capacidade interpretativa do ser humano? Será que o domínio desse Verbo nos permitiria desenvolver uma civilização qualitativamente superior, na qual ficasse possibilitado a todos os homens desenvolver suas melhores potencialidades dentro de uma vida digna? A julgar pelo empenho da Maçonaria, na busca da Palavra Perdida, parece que sim. Mas, então, impõem-se novas questões: quais os antecedentes que justificaram ter a Maçonaria assumido tal expectativa? Em que se baseia essa esperança em uma Palavra Perdida para conduzir a humanidade a bom termo, se até agora apenas se conhecia o seu sentido geral? Ou existem, para além do Grau 33, maçons que conhecem o segredo da palavra em seus detalhes e em todas as suas potencialidades? Qual é, afinal, a origem dessa doutrina?

5 A PRESENÇA DA DOCTRINA NOS ÚLTIMOS CINCO MIL ANOS

A versão lógica do *logos* foi tornada pública, em 1999, com a publicação do meu primeiro livro *A razão holística: método para o exercício da razão* (RODRIGUES, 1999). O mesmo ano em que fui iniciado na Maçonaria. Esse trabalho possui forte conotação metodológica, e o próprio plano de desenvolvimento da obra foi pautado e constitui exemplo de aplicação do *logos* como ferramenta e método de análise e abordagem de problemas. Essa perspectiva metodológica decorria de nossa formação científica que

exigia um instrumento prático para a ação. Com os estudos maçônicos, fui-me dando conta de que muitas percepções que o modelo do *logos* propiciava-nos já estavam presentes na tradição mitológica de povos da Antiguidade e que estas apenas deixavam de ser consideradas pela cultura moderna, por estarem escritas em linguagens místicas, poéticas, religiosas ou mitológicas, desdenhadas pela ciência moderna, em flagrante desconsideração de serem essas as linguagens disponíveis na ocasião.

Na medida em que percebemos que o *logos* era a Palavra Perdida de que falavam os rituais maçônicos, iniciamos pesquisa buscando identificar menções a ele nas culturas antigas e recolhemos material que, virtualmente, algum dia, poderia ser organizado e ensejar a publicação de um texto sobre a história do Verbo. Essa pesquisa trouxe-nos muitas surpresas, a começar pela constatação de que não havíamos descoberto nada de novo e que a concepção já tinha uma história milenar. Era essa a concepção que presidia a cabeça do lendário Hermes Trismegisto e, portanto, do alto sacerdócio do Egito Imperial. Era essa a concepção que animava os chamados pré-socráticos que deram a primeira resposta ocidental para a origem das coisas, atribuindo-a aos quatro elementos primordiais – terra, água, fogo e ar –, reunidos pelo amor. Sem esquecer que foi Heráclito, um dos expoentes do pensamento grego primitivo, o mentor do termo *logos*. Era essa a concepção que dirigia a cabeça de Pitágoras, fonte originária da qual brota a filosofia grega clássica, maximizada por Sócrates e Platão. Também era essa a concepção que presidia as mentes superiores da comunidade de Qumran, cujos discípulos maiores – João, Jesus e Tiago – e suas obras forjaram o berçário onde nasceu o Cristianismo.

Essa história é longa, e o Verbo pode ser encontrado em muitos outros lugares, como na Metafísica hindu, na Cabala hebraica ou nos rituais celtas. Em particular, impressionaram-nos os estudos do mito desenvolvidos por Joseph Campbell (1904-1987) que demonstram estar todos os mitos antigos pautados na concepção de um Cristo cósmico que, como legado divino, pode ser encontrado no interior de todo homem, constituindo a sua fonte primeira. Demonstra Campbell (1989) que a humanidade tem antropomorfizado esse Cristo com muitos nomes, mas sempre como messias portador da boa-nova, vencedor das trevas e reestabelecedor da luz. Campbell demonstra que todas essas divindades estão vinculadas, invariavelmente, ao deslocamento do sol, no hemisfério norte, e ao solstício da primavera, onde o sol, após parar (morrer) por três dias no extremo sul, retoma o seu caminho em direção ao norte e vai vencendo o frio do inverno (trevas) e, ressuscitando a vida vegetal, vai propiciar a vital colheita do verão. Possivelmente, essa é a mesma percepção que fizeram os

egípcios representar o deus Amon-Rá como deus solar e leva-nos a designar a doutrina maçônica de Doutrina do Verbo Solar, em respeito à perspicácia manifesta na tradição mitológica e em consideração das condições estruturais particulares presentes na relação do nosso planeta com o nosso sol.

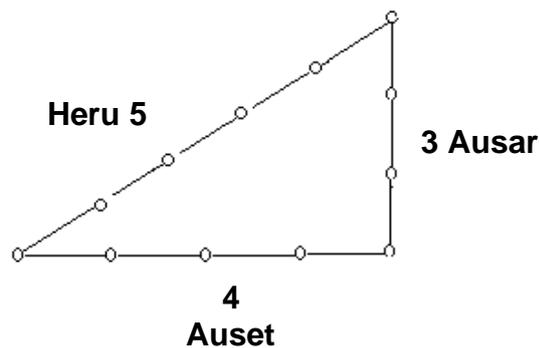
Quando esse Verbo Solar, agora, ganha sua versão lógica, fica também demonstrado que sua composição básica compreende componentes geométricos, lógicos e matemáticos como necessários e suficientes. Geometria, Lógica e Matemática são as ciências que se somam, na descrição da estrutura constitutiva desse Poder Normativo. Nessas condições, a versão lógica completa agora o ciclo de especificação da estrutura, pois a história mostra-nos que as versões geométrica e matemática já tinham sido formuladas na Antiguidade e, nas duas ocasiões, propiciaram avanços civilizatórios relevantes. Por isso, em lugar de uma descrição exaustiva de todos os casos históricos, vamos examinar, com alguma brevidade, apenas três. Quer nos parecer, que ao tomar a versão lógica como referência, teremos suficiente acesso ao essencial da questão.

5.1 A versão geométrica do Verbo Solar

No nosso entender, a versão geométrica do Verbo Solar foi o paradigma que, presidindo a maneira egípcia de ver o mundo, realizou o milagre de sobrevivência do Império por quase três mil anos. O domínio do *logos* normativo, na versão lógica que lhe demos, permite-nos não apenas identificar o paradigma egípcio na sua expressão mais sintética, representada pelo Triângulo Sagrado 3:4:5, como permite-nos efetuar leitura virtualmente inusitada dessa estrutura.

Para melhor compreender essa estrutura, vamos resgatar o Triângulo Sagrado egípcio, nos termos utilizados por Plutarco, na sua obra *Moralia*, vol. V (1), e, também, na menção que lhe é feita no item nº 38 do Papiro Rhind (papiro matemático, datado de 1848-1801 a. C., cujo título reza: “Regras para investigar a natureza e para saber sobre tudo o que existe, todos os mistérios, todos os segredos” (2), ambos citados pelo egiptólogo Moustafa Gadalla (2001), engenheiro egípcio, radicado nos Estados Unidos, que se dedica ao resgate da filosofia Sufis que, segundo ele informa, corresponde ao modo de pensar que vigorava no Egito Imperial.

O Triângulo Sagrado dos egípcios, segundo Plutarco:



(1) “Portanto, o lado vertical pode ser considerado masculino; a base, feminina; e a hipotenusa, o filho de ambos. Sendo assim, **Ausar** (Osíris) pode ser reconhecido como a origem; **Auset** (Isis), o recipiente; e **Heru** (Hórus), o resultado perfeito. Três é o primeiro número ímpar perfeito; quatro é um quadrado, cujo lado é o número par dois, porém, de certa forma, o cinco é como seu pai, e de outra forma, sua mãe, pois é feito de dois e três. E **panta** (tudo) é derivado de **pente** (cinco), e falam em contar numerando de cinco em cinco. O cinco faz de si mesmo um quadrado”. (GADALLA, 2001).

(2) No papiro matemático, a citação é a seguinte: “**Entro três vezes no hekat (um alqueire, medida de volume), um sétimo de mim é somado a mim, e eu retorno completamente satisfeito**”. (GADALLA, 2001).

Comparando esse Triângulo Sagrado com a versão lógica do *logos* que organiza o campo existencial em dimensões, verificamos que se trata rigorosamente da mesma concepção, apenas expressa de forma diferente.

Entro três vezes no hekat: o impulso para a complexidade, poder dinâmico primordial da estrutura normativa originária, precisa desdobrar (decair) uma, duas, três dimensões para constituir o espaço, âmbito no qual fica viabilizada a matéria.

Um sétimo de mim é somado a mim: organizada a energia em matéria, a permanência dessa organização exige e gera um tempo próprio, instalando a instância espaço-temporal de quatro dimensões ($3 + 4 = 7$).

E eu retorno completamente satisfeito: a criação resultante evolui, adquire consciência, descobre-se parte do todo e identifica o caminho da perfeição, mas percebe que essa perfeição somente pode ser atingida com a conquista da totalidade, porque a totalidade (e não uma dimensão superior à quarta) é o horizonte evolutivo da parte.

Comparando essas duas estruturas, verificamos que ambas patrocinam uma mesma cosmovisão, segundo a qual o Universo constitui desdobramento natural de uma mesma estrutura normativa original. As diferenças são meramente de linguagem, não lhes atinge a essência. Sua leitura estrutural revela que ambas entendem que o Universo se forma a partir do advento dessa estrutura normativa, ambas entendem que esse advento se dá por um salto transcendental a partir de uma instância inexpressável, da qual apenas se sabe ser hospedeira, real ou potencial, de atributos

absolutos. Para ambas as expressões, toda a criação é finita, relativa, provisória e submetida estruturalmente a um processo evolutivo, cujo propósito último é o retorno ao princípio criador (circularidade). Para ambas as expressões, a estrutura normativa é a única realidade permanente, a única Verdade absoluta e uma expressão viva de uma engenharia divina. Ambas são estruturas gerativas e normativas que, entre outras coisas, sugerem doutrinas similares ao indicar aos homens uma senda evolutiva no sentido da sabedoria e da perfeição, ao recomendar o conhecimento e a obediência das leis universais como requisito indispensável para bem conduzir-se na vida e, também, ao privilegiar a lei da totalidade sobre as dicotomias e diferenças características das partes. Daí a solução do acordo, da convivência harmônica, da complementaridade e da cooperação que a mitologia apresenta como solução da eterna luta entre Osíris e Set (luz e trevas).

As diferenças expressivas existentes não aportam contradições, ao contrário, ajudam a explicar aspectos sobre os quais a outra expressão cala. Assim, por exemplo, o Triângulo Sagrado indica que a totalidade é 5, enquanto a expressão lógica reserva o espaço N dimensional para possíveis outras instâncias de complexidade que possam ser descobertas no futuro e indica a totalidade pela superfície da esfera, cuja geometria contempla melhor os princípios correspondentes. Nesse caso, a expressão moderna é mais cautelosa, tendo mais presente ser a estrutura evolutiva, e o conhecimento, provisório, enquanto o modelo egípcio é categórico: as instâncias são cinco. Por outro lado, a instância N evidencia melhor que, entre a quarta instância e a totalidade, medra um salto transcendental.

A outra diferença relevante seria o fato de a expressão lógica da estrutura normativa contemplar detalhamento e especificação mais precisos das leis presentes, possibilitando que o modelo seja utilizado como método efetivo e referencial prático para a ação, mas isso pode ser apenas uma impressão não isenta de quem pertence a uma cultura científica distante, que tem dificuldade de ler tudo que não seja material. Afinal, no Egito Imperial, construíram templos para os **neteru**, sabendo que se tratava de forças cósmicas e não de deuses. Seriam oficinas ou laboratórios de operação de tais forças? Nesse caso, talvez a expressão lógica dos universais é que representa um pálido esboço, se não de um saber, ao menos de um poder que se perdeu no tempo.

Assim, cremos que podemos concluir que o Triângulo Sagrado 3:4:5 constituiu, no Antigo Egito, o paradigma da Civilização e que se trata da mesma estrutura normativa que estamos designando por *logos* normativo. Também parece justo concluir que essa, possivelmente, seja a expressão mais antiga dessa estrutura normativa de que se tem

notícia. Finalmente, parece também possível concluir que se trata de um poderoso paradigma civilizatório, testemunhado por mais de três mil anos de história e realizações.

5.2 A versão matemática do Verbo Solar

A versão matemática do Verbo Solar é de feitio grego e leva a chancela de Pitágoras. Quem nos fala dela com muita competência é o filósofo brasileiro Mário Ferreira dos Santos, em seu livro Pitágoras e o tema dos números (SANTOS, 2002).

Na doutrina pitagórica, a palavra chave é NÚMERO e, por número, é designada a essencialidade universal constitutiva de todos os fenômenos e que está presente em todas as ocorrências manifestas no mundo. O número de Pitágoras não indica, pois, apenas a dimensão quantitativa. Esta é a sua feição superficial. O número, na verdade, é, sobretudo, princípio, lógica, ordem, lei, proporção, relação etc. O próprio Deus, origem de todas as coisas, embora designado por Um, é, na verdade, mônada e não número. Deixemos, porém, que o próprio Mário Ferreira explicita a doutrina. Para isso, selecionamos o seguinte conjunto de citações (SANTOS, 2002):

Para termos a vivência do seu pensamento, precisamos despojar-nos dessa concepção superficial de que número seja apenas aquilo que nos aponta o quantitativo. Não, o número nos aponta, além do quantitativo, o qualitativo, o relacional, a modalidade, valores e outras categorias. Assim, *arithmós* (o número) é quantidade, relação, função, tensão, lei, ordem, regra. (p. 112).

O Um é o Ser Supremo, Deus. Está acima dos contrários, acima do limitado e do ilimitado. O limite aproxima as coisas ao Um, mas não o atinge, e é pela limitação que se produz a série inferior. (p. 89).

O Um permanece eternamente no mesmo estado e idêntico a si mesmo; o resto constitui o domínio da pluralidade, que nasce e que perece. Contudo, as próprias coisas, que perecem, salvam a sua essência e sua forma, graças à geração, que reproduz a forma idêntica à do pai que as engendrou e modelou. (p. 89).

Estabelecida a instância do Ser Supremo, é preciso fazer a passagem para o mundo relativo:

O Um (*Hen*), que é só (*Holos*, em grego, só), é a fonte emanadora de tudo. Os *arithmói arkhai* (de *arkhé*, supremo) são os princípios supremos que advêm do Um. Da cooperação desse *arithmói arkhai*, só cognoscível pelos iniciados, e que são poderes supremos, surge a organização do *Kosmos* (que significa ordem universal). (p. 114).

O Um, como fonte suprema emanadora dos *arithmói arkhai*, gerou o Um. Esse Um é ato, eficácia pura... (p. 114).

O Um, mais o Um gerado por ele e o *amor* que os une, formam a tríade pitagórica, simbolizada pelo triângulo sagrado de lados iguais. (p. 114).

Observe-se que aqui já encontramos a percepção da supremacia da lógica complementar, unindo o limitado e o ilimitado (o amor que os une) e, também, estamos diante da estrutura que mais tarde, no Cristianismo, vai fundamentar o caráter trino de

Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, embora, segundo entendemos, a trilogia pitagórica tenha o sentido de Deus Pai (princípio de tudo), Cristo Filho (*logos* ou Verbo) e o Campo (estrutura geral do existente).

Os fenômenos naturais e suas leis nos levam a coeficientes que são números e todas as coisas do mundo cósmico são aritmonomicamente realidades que imitam números. Os cristais, plantas, homens, estrelas, sons, *spectra* químicos revelam números e uma lei numérica, que é a mesma. (p. 115).

Para uma coisa ser o que ela é, há de ter uma ordem, ou melhor, uma relação da parte com o todo, uma certa coerência, diferente das outras, para que ela possa ser o que ela é e não o que as outras coisas são. (p. 112).

Não é essa ordem do número? Podemos dizer: todas as coisas têm o seu número (*arithmós*) ou a sua ordem, a sua essência, por isso, todo conceito é número. (p. 112).

Isso implica que as coisas sensíveis resultam de uma combinação do absoluto com o relativo, expresso como relação do limitado com o ilimitado, o que volta a ser afirmado, textualmente, na seguinte citação:

Fragmentos de Filolau 1 – O ser, que pertence ao mundo (cosmos), é um composto harmônico de elementos ilimitados e de elementos limitados: é assim tanto do mundo (cosmos) em seu todo, como de todas as coisas que ele encerra. (SANTOS, 2002, p. 85).

E é justamente em razão dessa combinação do ilimitado com o limitado que o homem (limitado) consegue atingir e compreender as essências ilimitadas que constituem a verdade permanente. É assim que o homem pode compreender o projeto cósmico.

Nesse processo, no qual o ilimitado incorpora-se ao limitado, dando-lhe forma e especificidade, a doutrina numérica pitagórica vale-se também de uma estrutura numérica básica, nos moldes do Verbo juanítico: a famosa **Dédaca Sagrada**.

É o número uma harmonização do ilimitado com o limitado. São os dez primeiros números, realmente, os fundamentais, pois os outros são apenas repetições daqueles. Deste modo, a *dédaca* compreende todos os números com suas propriedades. (SANTOS, 2002, p. 126).

É a *dédaca* (*tetractys*), segundo Filolau, grande e toda-poderosa, a fonte de tudo, começo e modelo de todas as coisas. É o número do Universo... (SANTOS, 2002, p. 126).

Sem a *dédaca*, tudo é misterioso, confuso, obscuro. Ela simboliza o perfeito e encerra em si a essência de todos os números. Tem um número igual de pares e de ímpares e o Um, que é par-ímpar, o primeiro par, o primeiro ímpar e o primeiro quadrado, o quatro. É constituída da soma dos quatro primeiros: $1 + 2 + 3 + 4 = 10$. (SANTOS, 2002, p. 126).

Ora,

a década é a *tetractys* das 10 leis (*logói*) universais, que são a revelação dos princípios que regem todo o Universo, princípio de todas as coisas. (SANTOS, 2002, p. 126).

O número dez, a famosa *tetractys*, é o número principal; ela é a soma dos quatro primeiros ($1 + 2 + 3 + 4 = 10$). (SANTOS, 2002, p. 62).

Hino Órfico consagrado ao número e aceito pelos pitagóricos:

Desde o recesso imaculado da Mônada até o nome sagrado da Tétrada, de onde verdadeiramente surgiu a mãe fecunda de tudo, a qual, mais importante que tudo, envolve tudo, inabalável, eterna, a que os deuses imortais e os homens surgidos da terra chamam a Pura Dédaca... (p. 106).

Segundo Teon de Esmirna... a primeira tétrada (*tetractys*)... A formada pelos quatro primeiros números: $1 + 2 + 3 + 4 = 10$. Era por esta que juravam os pitagóricos. (p. 106).

Foi o número divino que engendrou os homens e os deuses. Mas o número divino não é o UM (*Hen*) Supremo, pois já vimos que este não é número. Quem engendra tudo é a Mãe Sagrada, a Santa *Tetractys*. O número divino inicia-se da unidade pura e profunda, o Ser Supremo. Portanto, o número divino é ontologicamente posterior ao Um, ao Ser Supremo. E nem poderia deixar de ser. (p. 144).

Versos pitagóricos:

Do abismo inviolável da Mônada,
Até a Tétrada santíssima: esta gestou a Mãe de todas as coisas,
O Receptáculo universal, a Venerável, a que limita todas as coisas,
A inflexível, a infatigável: chamam-na a Dédaca pura.

O cuidadoso processo de depuração encetado pelo filósofo paulista quase exclui uma preciosidade pitagórica em razão de uma formulação equivocada da fonte. Na página 62, Santos (2002) registra que “Para alguns pitagóricos, os números não eram pensados como coisas abstratas, mas como algo real. O ponto era o equivalente ao 1; a linha, ao 2; a superfície, ao 3; os corpos, ao 4”. Traz, porém, a seguinte observação entre parênteses: Na verdade esse não era o pensamento pitagórico superior.

Esse quase descarte não se justifica, mormente quando estabelece relações entre os quatro primeiros números e as figuras geométricas. Primeiramente, é preciso compreender que os gregos não conheciam o número zero e, em razão disso, tiveram de utilizar dois “uns”, conforme indicado, por exemplo, no seguinte trecho: “O Um, como fonte suprema emanadora dos *arithmói arkhai*, gerou o Um. Esse Um é ato, eficácia pura...” (SANTOS, 2002, p. 114). Isto é, Deus Pai e Deus Filho.

Ora, esse Um que é ato e eficácia pura e que preside a formação de todos os fenômenos representa estrutura normativa indicada na doutrina como tétrada (*tetractys*), formada pelos quatro primeiros números: $1 + 2 + 3 + 4 = 10$ e não indicada somente como Um. As dez leis pitagóricas justificam essa opção e fecham o modelo com absoluta coerência.

Caso Pitágoras tivesse conhecido o número zero como nós o conhecemos hoje, teria indicado o Ser Supremo por ZERO, não só porque fazendo o caminho inverso na tétrada: $4 - 3 - 2 - 1 \rightarrow$ o exigido quantitativamente é o Zero, mas também, e sobretudo, porque o ZERO, tanto quanto o ponto, sendo adimensionais (um lugar no

espaço desprovido de dimensão), representa a única instância capaz de comportar atributos em grau absoluto, como atribuir-se regularmente a Deus:

Todo-poderoso, por ser a origem de todas as séries: 0 → 1, 2, 3, 4...;

Eterno, por não estar sujeito à entropia;

Onipresente, por não ocupar lugar no espaço;

Onisciente, por estar em todo lugar etc.

Tomando-se a téttrade na perspectiva dimensional, vemos que a fonte que o nosso filósofo menciona, na página 62, e que desconhecemos quem seja, viu efetivamente algo mais, virtualmente situado para além do visualizado pelo próprio mestre de Crótona. Apenas o formulou equivocadamente em razão da falta do zero: o ponto não equivale ao 1, mas sim ao zero; a linha (reta) corresponde ao 1 porque possui uma dimensão; a superfície (plano) corresponde ao 2 porque tem duas dimensões; os corpos (espaço) corresponde ao número 3 por ter três dimensões; e o tempo, segundo Einstein, é o quarto (4) número.

Ora, essa estrutura é a própria estrutura do *logos*, à qual chegamos em nossa tese da razão holística, 2500 anos depois. Vejamos as coincidências que essas estruturas contemplam.

QUADRO COMPARATIVO DO LOGOS COM A TÉTRADA DE PITÁGORAS

Instância do <i>logos</i>	Lógica	Princípio lógico	Téttrade de Pitágoras
1ª dimensão	transcendental	da identidade	1
2ª dimensão	da diferença	da contradição	2
3ª dimensão	da funcionalidade	do terço excluso	3
4ª dimensão	da temporalidade	da provisoriedade	4
			=
A totalidade do <i>logos</i>	da totalidade	da complementaridade	10

Podemos relacionar as seguintes coincidências entre as duas estruturas:

1. ambas possuem 5 elementos;
2. as quatro primeiras instâncias das duas estruturas são cumulativas;
3. em ambas as estruturas, a relação de uma instância com a seguinte é de soma;
4. ambas as estruturas indicam uma progressão no sentido da complexidade, dado que as quatro primeiras instâncias são cumulativas;
5. ambas as estruturas contemplam uma instância de totalidade;

6. em ambas as estruturas a instância da totalidade é atingida por um salto transcendental a partir da quarta, isto é, a sequência normal vigente até a quarta instância, ali se interrompe e, em lugar de colocar uma quinta instância, um salto coloca a totalidade;

7. ambas as estruturas deitam raízes no zero;

8. ambas são estruturas ontológicas;

9. ambas contemplam duas unidades: uma unidade inaugural (1ª dimensão) e a unidade da totalidade;

10. ambas as estruturas afirmam contemplar todas as leis que regem a manifestação dos fenômenos contingentes, sendo que uma identifica cinco, e a outra, dez leis.

Como se observa, a justaposição das duas concepções é perfeita em detalhes, o que garante tratar-se da mesma concepção.

De qualquer forma, como bem observa Édouard Schuré (2003), Pitágoras realiza a façanha de traduzir para o mundo laico um magnífico conhecimento que, até então, era privativo da clausura sacerdotal. A concepção de mundo que Pitágoras expressa com o concurso do número é a mesma doutrina que sustenta e energiza o sacerdócio no Templo de Delfos, nos templos da Índia e nos templos do Egito. Nesse sentido, Pitágoras é nosso precursor na tentativa de traduzir para uma linguagem de mais amplo alcance a sabedoria contemplada pela perspectiva esotérica da Antiguidade, isso muito antes do surgimento dessa divisão do conhecimento em ciência e religião.

Embora esses dois exemplos – egípcio e grego – não esgotem a história do Verbo Solar, evidenciam, certamente, não por mero acaso, as duas versões antigas que ensejaram os melhores resultados em termos de aplicação em larga escala e, também, em termos de resultado civilizatório. Os impérios, egípcio e grego, consubstanciam, sem dúvida, momentos de esplendor da civilização humana. Parece, portanto, enigmático e, também, promissor que a versão lógica que ora emerge revele que Geometria, Lógica e Matemática, sejam as ciências envolvidas na configuração dessa estrutura universal. Ao que tudo indica, agora o ciclo de seu desvelamento se completa. Aparentemente, estamos diante de um ciclo de amplitude milenar. Seu primeiro momento, ao que tudo indica, deu-se nos templos do Alto Egito, a mais de cinco mil anos; o segundo, de feitio grego, deu-se em Crótona, Itália Meridional, a dois mil e quinhentos anos (mais ou menos em 500 a. C.), e o terceiro, em Brasília, no final do século XX. Terá isso alguma importância e algum significado?

5.3 A versão maçônica do Verbo Solar

No Grau 29, descobrimos que a Maçonaria, também, possui uma versão do Verbo Solar, registrada na alegoria da Praça Central da Jerusalém Celeste.

Os elementos constitutivos da Praça Central são, naturalmente, simbólicos e configuram três conjuntos simbólicos que merecem ser contemplados separadamente, embora constituam um todo irreduzível. Primeiro, o Cordeiro imaculado; segundo, o manancial dos cinco rios e do lago de amor; e terceiro, a árvore da vida e seus doze frutos.

Diz o Ritual que o “Cordeiro imaculado simboliza o Sol que nos redime ao resplandecer em Áries no equinócio da primavera, salvando o mundo das trevas do inferno”. Aqui parece não restar dúvida: o Deus Solar ou a visão solar de Deus resulta do ostensivo milagre da vida que o sol propicia a partir do equinócio da primavera que, no hemisfério norte, ocorre em Áries, e, no hemisfério sul, ocorre em Libra, mas o Cordeiro, em última instância, simboliza o Absoluto que designamos por Grande Arquiteto do Universo, que consideramos ser a fonte originária de toda a existência e da vida.

Os cinco rios de amor fluem a partir do coração do Cordeiro para formar um lago de amor que o Ritual identifica como manancial calmo da filantropia. Esses cinco rios de amor são especificados como sendo: 1. amor paternal, 2. amor conjugal, 3. amor filial, 4. amor fraternal e 5. amor social, indicando de que forma esse caudal de amor que flui do Criador manifesta-se no homem.

Finalmente, do solo regado pelo manancial do amor, emerge a Árvore da Vida que produz doze frutos diferentes que vão abastecer os doze bairros da cidade. O Ritual esclarece que a Árvore da Vida “é a árvore da Liberdade, fecundada no foco da consciência, nutrida pela seiva da inteligência e amadurecida pelo Sol da Razão”.

O mais evidente dos três conjuntos é o Cordeiro imaculado, representando o Deus Solar, o Grande Arquiteto do Universo da Maçonaria ou o Absoluto da Metafísica. Desse Absoluto emanam cinco rios de amor, cujas águas vão reunir-se para formar um lago de amor, intitulado da filantropia.

O que emana de Deus, segundo a tradição cristã e segundo a lição do evangelista João, é o Verbo divino: a palavra essencial e eterna do Pai, que era no princípio e que, segundo a cultura da época em que foi escrito o Evangelho, reportava-se ao *logos* da tradição grega (PAGELS, 2004). Esse *logos* universal, definido como poder gerativo do Universo e de tudo o que existe, é, sem dúvida, a mesma Equação Sagrada de Pitágoras e o mesmo Verbo Solar de que estamos tratando aqui, cuja

versão lógica revela cinco instâncias dimensionais, nas quais se manifestam cinco padrões de movimento que tipificam as cinco lógicas facultadas ao entendimento humano: 1. lógica transcendental, 2. lógica da diferença, 3. lógica da funcionalidade, 4. lógica da temporalidade e 5. lógica da totalidade.

Contemplando os cinco rios de amor que fluem do Cordeiro imaculado, munidos desse referencial lógico, percebemos claramente que os cinco rios de amor relacionados correspondem justa e precisamente aos cinco padrões de manifestação existencial preconizados pelo modelo e correspondem às cinco leis universais básicas que, segundo o modelo, presidem o desenrolar do Universo.

O amor paternal, em primeira instância, liga-nos aos nossos genitores, mas, em termos gerais, liga-nos à nossa ancestralidade geral e, em última instância, liga-nos ao Absoluto, fonte transcendental do nosso próprio ser. Portanto, essa manifestação amorosa de feição paternal corresponde à manifestação existencial propiciada pela primeira lei universal que, operando subjetivamente na mente humana, possibilita o padrão de inferência patrocinado pela lógica transcendental. Em termos metafísicos, trata-se do movimento de passagem do Absoluto para o Relativo, em termos geométricos, da passagem do adimensional para o unidimensional e, em termos teológicos, explica porque “amar a Deus sobre todas as coisas” constitui o primeiro mandamento.

O amor conjugal, por seu turno, liga-nos ao nosso complemento estrutural necessário, decorrente da cisão sexual do humano em masculino e feminino. Viabilizar a diversidade exigiu dividir a unidade primordial, inicialmente em duas, o que implicou criar a diferença, inclusive de gênero. Para tanto, o unidimensional teve de se desdobrar em bidimensionalidade para, assim, possibilitar o plano e, por consequência, a simetria que lhe é estrutural: o outro somente torna-se possível em face do um. Assim, o amor conjugal corresponde à manifestação da segunda lei universal, e a força de atração que esse amor exerce no homem explica-se pela necessidade estrutural de superar uma diferença que nos cindiu e nos deixou incompletos no nascedouro, mas que, em compensação, nos impulsiona na busca da completude e de uma perfeição que perdemos, mas da qual, de algum modo, ainda temos lembrança registrada em algum recanto da mente.

O amor filial liga-nos, em primeira instância, aos nossos filhos, mas, em termos gerais, a toda a nossa descendência e, em última instância, à nossa esperança de transcender a condição humana no caminho da evolução. Essa manifestação do amor obedece, nitidamente, à quarta lei universal que consubstancia a lógica da

temporalidade, pois objetiva nitidamente operações que se dão no tempo. Não há como ignorar que os filhos apontam para o futuro.

O amor fraternal por seu turno, em primeira instância, liga-nos com os amigos mais próximos, mas, em termos gerais, liga-nos com todos os seres humanos com quem mais diretamente partilhamos a experiência do aprendizado existencial. No modelo metafísico, trata-se da terceira dimensão cósmica, instância de amplitude tridimensional na qual ficam viabilizados o espaço e a matéria, e cuja lei universal básica é conhecida da própria ciência como lei de causa e efeito, justificadora da ação e reação na matéria.

Finalmente, o amor social consubstancia a nossa relação com a espécie humana e com a humanidade como um todo, explicando os abundantes exemplos de dedicação pessoal a causas públicas e projetos coletivos, dos quais Jesus e Gandhi são paradigmas. Em termos de leis universais, esse amor social corresponde à quinta e mais poderosa das leis cósmicas, responsável pela integração dos fenômenos em totalidades dos mais diferentes graus de complexidade, do átomo às galáxias. A lógica da totalidade responde, na mente humana, pelas inferências que vislumbram e priorizam a totalidade dos fenômenos e não as suas partes. Temos aí o pensamento ecumênico, ecológico, cooperativo etc.

Assim, a alegoria dos rios de amor que fluem do Cordeiro com o propósito de salvar os homens do mundo das trevas simboliza as leis universais básicas que não apenas ordenam e organizam o mundo objetivo, mas também instrumentalizam a mente humana para superar as trevas da ignorância e compreender o Universo e o papel do homem dentro dele. Agora, percebemos que regula e ordena também o lado emocional do homem, determinando as formas de manifestação do amor. O lago da filantropia é, nesse sentido, a cultura humana acumulada capaz de propiciar para todos as benesses de uma civilização do conhecimento, capaz de fazer frutificar a Árvore da Vida.

Descrevendo nos cinco modos de manifestação do amor humano o mesmo Verbo Solar, cujas versões geométrica, lógica e matemática aqui discutimos, o Rito Escocês demonstra ter encontrado a Palavra Perdida, impressa na estrutura emocional do ser humano, em sua forma mais sublime: na forma de amor. Por isso, entendemos que o Conselho dos Cavaleiros Kadosch, com sua alegoria da Jerusalém Celeste, representa a saga do reencontro da Palavra Perdida e entendemos que, com essa versão amorosa do Verbo, o Rito Escocês cumpre, nesses termos, a sua promessa doutrinária.

6 CONCLUSÃO

“Há luz no homem de luz, e ilumina o Universo inteiro,
senão, há escuridão.”

Lavagnini

“A ignorância só pode ser ferida mortalmente pela ciência,
isto é, pelo livro, pela escola, pelo estudo.”

Ritual do Grau 14 (p. 28)

Joferlino Miranda Pontes (1925-2000), que foi meu preceptor na Maçonaria e a quem dedico este trabalho, disse-me em certa ocasião que o objetivo da instrução maçônica não era apenas o de formar Pedras Cúbicas aptas para uso no edifício social, mas eventualmente formar também Cristais capazes de refletir passivamente a luz que emana do Criador. Lembrei-me disso quando constatei que, ao se adotar o *logos* como paradigma, não cabe mais afirmar “eu penso assim ou assado” ou que “minhas conclusões são estas ou aquelas”, mas sim dizer que “o logos enseja que tiremos tais e tais conclusões”. Por isso, é nessa perspectiva de tentar interpretar a visão que o *logos* potencializa, à luz evidente de minhas limitações, que me lanço à tarefa de tentar concluir este trabalho.

Ao que tudo indica, o Rito Escocês Antigo e Aceito de 33 Graus é efetivamente depositário e guardião de um tesouro da cultura humana, venerado desde a Antiguidade. O poder do Verbo, testemunhado pelas façanhas civilizatórias representadas pelo Egito Imperial e pela Grécia Clássica que dispuseram do Verbo, nas versões geométrica e matemática, parece-nos insofismável. Ao que tudo indica, a versão lógica desse Verbo, que ora emerge na forma de *logos* normativo da racionalidade, atualiza esse referencial segundo a linguagem moderna, ajustando-o ao contexto cultural da atualidade e, assim fazendo, abre a questão de saber se o Verbo, ou a versão lógica do Verbo, hoje, também pode ser útil à humanidade, tal como o foi no passado e, em caso afirmativo, em que medida pode sê-lo.

A análise do modelo que realizamos no corpo deste trabalho evidenciou que, sendo o Universo basicamente organizado, impõe-se também a existência de um princípio normativo responsável por essa organização. As exigências estruturais que se impõem a tal princípio exigem, por sua vez, um modelo descritivo de padrão geométrico e dimensional para poder dar conta de uma diversidade que se estende ao infinito. Na busca dessa descrição, surge primeiro o Campo Existencial, definindo o lugar geométrico dos fenômenos no plano da existência, e, por simetria estrutural, surge o modelo do *logos* normativo do plano da racionalidade. Esse *logos* normativo revela cinco leis universais básicas, ou seja, nas palavras de João, o Verbo segundo o qual tudo se dá.

O *logos*, enquanto estrutura de pura lógica, define os padrões de inferência facultados à espécie, e constata-se que eles recepcionam com precisão todos os modos de pensar atualmente exercidos pelos homens. O Campo Existencial que constitui o modelo simétrico objetivo do *logos* subjetivo, ao que tudo indica, define a estrutura básica que alicerça o Universo e, também, normatiza como podem dar-se nesse Universo as diferentes manifestações existenciais. Portanto, somos forçados a concluir que essa tese do *logos* não apenas redefine e reorganiza o espaço da racionalidade e da Lógica, mas também redefine e reorganiza o mundo objetivado pela Física e pela ciência. Dado que isso se dá pela incorporação de quatro instâncias não materiais aos objetos da ciência, aceitar esse *logos* como paradigma implica estar disposto a rever a atual demarcação científica e, virtualmente, reposicionar todo o edifício desse saber, o que, fora de qualquer dúvida, representa grande obstáculo à mudança.

Entretanto, o físico e professor norte-americano Michio Kaku, em sua obra *Mundos Paralelos* (2007), traça, em linhas gerais, o percurso evolutivo da ciência física, no último século, e descreve com riqueza de detalhes o estado da arte em 2005, indicando tanto os conceitos predominantes como as ferramentas utilizadas e, ainda, o horizonte de pesquisa descortinado. Nesse contexto, destaca como principal carência da Física, na atualidade, uma teoria unificadora capaz de harmonizar as exigências da Relatividade Geral com as exigências da Física Quântica. Afirma ele que tal teoria deverá ser capaz de recepcionar, harmoniosamente, as quatro forças físicas conhecidas: gravitação, eletromagnetismo, nuclear fraca e nuclear forte. Ele designa essa lacuna teórica de “teoria de tudo” e mostra que a Física já sabe inclusive quais são os principais requisitos que uma tal teoria precisa atender para, efetivamente, dar conta da questão. Embora não tenhamos formação em Física, em 2008, realizamos uma análise desse texto e conseguimos identificar dezessete requisitos que, segundo Kaku, essa teoria deveria atender. A conclusão a que chegamos foi a de que o modelo lógico do *logos* atende a todos eles, sem exceção.

O objetivo dessa menção aos problemas e às expectativas da Física atual é, também, justificar nosso entendimento de que a aceitação ou não do paradigma não se dará no âmbito da Filosofia ou das Ciências Sociais que nos parece não terem força para provocar mudança de tal envergadura. A Física, porém, é a atual depositária da fé dos homens e, se ela concluir por um modelo de universo dimensionalmente organizado, será muito difícil conter seus desdobramentos nos outros campos do saber.

Isso nos sugere que, embora a Maçonaria pouco possa fazer a respeito, já que não constitui fórum de debate de questões científicas, ao ter sido a preservadora e a guardiã desse saber, pode, porém, eventualmente, ver-se situada no centro de um furacão cultural planetário, e sua doutrina, adquirir nova importância aos olhos da humanidade. Nesse cenário, a Ordem fatalmente teria de enfrentar processo adaptativo virtualmente tão radical quanto aquele enfrentado na transição da Maçonaria Operativa para a Maçonaria Especulativa, tanto em sentido positivo de ajustar-se a desafios de universalização desse saber, como em sentido negativo de enfrentar horizonte de eventual extinção da Ordem em razão de haver concluído sua missão.

Muito antes disso, porém, ainda no contexto do atual propósito da Ordem, de “preparar maçons para a Ordem, para a Pátria e para a Humanidade”, parece-nos ser pertinente inquirir e meditar sobre as eventuais consequências que podem decorrer do advento dessa proposta de nova versão atualizada do *logos*.

O percurso cumprido neste trabalho enseja pensarmos que a Doutrina do Verbo Solar constitui o patrimônio verdadeiramente valioso da Ordem, quer tenhamos em mente o Grande Oriente do Brasil, as Grandes Lojas ou o Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito. A versão maçônica do Verbo, expressa nos modos humanos de manifestação do amor, tanto quanto a abertura dos trabalhos em Loja, invocando o Salmo 133, revelam a sabedoria da percepção de que é a fraternidade entre os Irmãos que viabiliza a Ordem, em primeira instância, e que o seu cultivo impõe-se como prioridade máxima de todo Maçom. Sem fraternidade, simplesmente não há Maçonaria, assim como sem a lei da totalidade sequer existe matéria.

Tomando a fraternidade como alicerce emocional e a razão como critério, pode o Maçom tomar o Verbo como paradigma, abrir o compasso da compreensão e colocar-se de forma competente a serviço da humanidade. Portanto, impõe-se aliar amor e competência sob o critério da razão para se estar apto a participar de empreendimentos que visem ao bem-estar e ao progresso da humanidade tomada como um todo.

Nesse contexto, tanto propor uma versão renovada do Verbo Solar quanto tentar expressar, de forma mais acessível, a Doutrina do Rito impõem-nos a apreensão da correspondente responsabilidade. Temos nos dedicado a esse tema por um tempo muito longo e temos vivência suficiente para saber que, na natureza, toda conquista cobra seu preço, quanto mais não seja, em termos de possibilidades alternativas que se atrofiaram pelo caminho. Convém, portanto, sermos todos prudentes. Por outro lado, como ainda estamos no Grau 31, temos também consciência de conhecer apenas parte da história.

Apesar disso, sabemos também que o Maçom não pode eximir-se e nem silenciar quando a palavra se impõe, e nós temos sincera convicção de que a versão lógica do *logos* abre relevantes oportunidades para a Ordem. Quem pode ou não confirmar isso são os Irmãos mais experientes do Consistório, e esta é a razão pela qual entrego este trabalho exclusivamente ao Grande Tribunal da Justiça e da Equidade, na esperança de merecer a avaliação e os conselhos de Irmãos mais experientes do Consistório, tanto para a superação dos nossos equívocos como para o ajuste de nossas expectativas.

Finalizando, gostaria de enfatizar que os cuidados aqui manifestos não são gratuitos. O Verbo ilumina, mas, em alguns sentidos, também assusta. Indica, por exemplo, não ter qualquer sentido antropomorfizar o Criador, o que pode ser problemático para vasta parcela da população, mas, ao mesmo tempo, favorece virtual tese que postule ser a condição humana meramente incubadora de um ser que lhe transcenda, o que mantém abertos espaços para virtuais novas concepções teológicas. Com este exemplo, tentamos alertar que podemos estar diante de questões revestidas de suma gravidade.

No encerramento ritualístico do Grau 18, o Aterzata pergunta ao Primeiro Vigilante: – Que horas são? Este responde: – A hora do perfeito Maçom. – Que hora é essa? – pergunta o Aterzata, e o Vigilante responde: – **“O momento em que a Palavra foi achada; em que a Pedra Cúbica transformou-se em Rosa-Cruz; em que a Estrela Flamejante espalhou sobre o planeta seu esplendor; em que nossos utensílios retomaram o seu brilho, dissipando as trevas; a hora em que a Nova Lei reina em nossos trabalhos”**.

Como devemos interpretar isso?

Rubi G. Rodrigues
IME 065.166
Brasília, outubro/2009

7 REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**, DVD. Joseph Campbell Foundation, 1989.

GADALLA, Moustafa, **Cosmologia egípcia**: o universo animado. Tradução: Fernanda Tossi. São Paulo: Madras, 2001. 173 p.

JOSEPH, Peter. **Zeitgeist**, The Zeitgeist Movement, DVD, 2007.

KAKU, Michio. **Mundos paralelos**. Tradução: Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 369 p.

LAVAGNINI, Aldo. (Magister). **El secreto masonico**. Buenos Aires: Kier, 1973. 190 p.

_____. **Manual del aprendiz**. Buenos Aires: Kier, 1998. 174 p.

PAGELS, Eliane. **Além de toda crença**: o Evangelho Desconhecido de Tomé. Tradução: Manoel Paulo Ferreira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

RODRIGUES, Rubi Germano. **A razão holística**: método para o exercício da razão. Brasília: Thesaurus, 1999. 271 p.

_____. **Filosofia**: a arte de pensar. São Paulo: Madras, 2011. 130 p.

SANTOS, Mario Ferreira dos. **Pitágoras e o tema dos números**. São Paulo: IBRASA, 2002.

SCHURÉ, Édouard. **Os grandes iniciados**. São Paulo: Madras, 2003.

Supr.: Cons.: do Brasil do Grau 33 para o Rit.: Esc.: Ant.: e Ac.:. **Rituais dos Graus 4, 7, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 29, 30**. Campo de São Cristóvão, 2003, 2004, 2005, 2007. Rio de Janeiro.

ANEXO – COLETA DE DADOS – PRINCIPAIS IDEIAS PRESENTES NOS 33 GRAUS

Grau 1 – Aprendiz Maçom (NB: Em negrito, graus obtidos por iniciação)

Quem bate à porta do Templo? – É um pobre candidato que caminha nas trevas e, despojado de todas as vaidades, deseja receber a Luz. (p. 77)

– O estado de cegueira em que vos achais é o símbolo do mortal que não conhece a estrada da Luz, que ides principiar a trilhar. (p. 82)

– A Ordem a que desejais pertencer [...] não é uma simples associação de auxílio mútuo e de caridade. Ela tem responsabilidades e deveres para com a Sociedade e para com a Humanidade... (p. 83)

– O candidato é recebido mediante a submissão:

à prova da **TERRA**,

à prova do **AR**,

à purificação pela **ÁGUA**,

à purificação pelo **FOGO**.

– Seu primeiro trabalho: na pedra bruta, com vistas a prepará-la para ser usada na construção do Edifício Social.

– Leitura do Salmo 133

Grau 2 – Companheiro Maçom

Contempla a passagem do trabalho na pedra bruta para o trabalho na pedra polida.

A pedra bruta era a Natureza, tal qual ela feriu os sentidos primitivos;

A Pedra Cúbica é a Natureza observada metodicamente (Grau 15). (p. 23)

– O trabalho na pedra polida objetiva conhecer o mundo e o universo de forma metódica e científica.

– Leitura de Amós, cap. 7, vers. 7 e 8

Grau 3 – Mestre Maçom

– A lenda da morte de Hiram

Sabemos que **Hiram morto simboliza o espírito preso na matéria**.

Hiram era o arquiteto do Templo, e o Templo é o **Templo ideal da razão**, de sorte que Hiram morto simboliza **a perda da inteligência criadora** que sabia o que precisava ser feito para completar a obra.

– Leitura de Eclesiastes, cap. 12, vers. 7 e 8

Grau 4 – Mestre Secreto

Chorastes [...] sobre o túmulo de Hiram, **a inteligência potente e única diretora dos trabalhos, esmagada pela ignorância e pela tirania**.

Perdeu-se a Palavra de Amor. (p. 32)

A Maçonaria, porém, foi criada para preparar a libertação do espírito, dentro de precisa disciplina. (p. 32)

Hiram morto é o espírito escravizado. A Maçonaria é tarefa de libertação. (p. 35)

Quem é este infeliz que convosco viaja na escuridão e nas trevas? – **Um Mestre que busca a Palavra Perdida**. (p. 39-40)

O olho na beta do avental é o símbolo do Sol no azul do céu, olho do Universo, e que entre os antigos era emblema da Divindade.

Um olho era o hieróglifo egípcio da palavra Iri e a segunda sílaba do nome Osíris (Osh-Iri), a divinização do sol, personificação do Bem. (p. 51)

– Leitura de Reis I, cap. 8, vers. 6

Grau 5 – Mestre Perfeito

No solo, em frente a cada face, estão pedras toscas irregulares, por fora das quais haverá uma cercadura baixa em forma de círculo. Este simboliza Deus [...], que não tem começo nem fim; as pedras representam a ignorância, isto é, material imprestável à construção do Templo. (p. 49)

Grau 6 – Secretário Íntimo

A moral deste Grau resume-se no respeito que devemos aos segredos alheios, cuja descoberta e divulgação devemos evitar. Como dedução lógica, somos induzidos a empregar todos os nossos úteis esforços em tudo quanto concorrer para a paz, harmonia e progresso da humanidade, da Pátria e da Maçonaria. (p. 55)

Grau 7 – Preboste e Juiz

Todos nós devemos provar perante a Razão Suprema a necessária humildade. (p. 23)

Quem é Soberano? O Povo! (p. 28)

Como são divididos os Direitos Humanos? Em naturais, civis e políticos. (p. 29-55)

Que nos aconselham a Justiça e a Equidade na distribuição dos direitos do homem?

Defender os mais fracos contra os mais fortes, velar pela saúde pública, proteger o presente sem comprometer o futuro e não tentar administrar sozinho, pois não há melhor Governo do que o que não se vê governar ou o que menos governa. (p. 30)

– Leitura de Reis I, cap. 3, vers. 9

Grau 8 – Intendente dos Edifícios

O estudo das verdadeiras bases em que se deve assentar o edifício da sociedade humana. (p. 60)

Deve haver uma legislação moral do trabalho, combatendo sempre a ignorância, a hipocrisia e a ambição, procurando o justo equilíbrio entre a propriedade, o capital e o trabalho, como fonte de toda prosperidade.

Grau 9 – Mestre Eleito dos Nove

A ritualística desenvolve-se em torno da história da busca e da execução de Abairam, o primeiro assassino de Hiram, realizada no interior de uma caverna.

P. – Que representa Hiram?

R. – **A inteligência que percebe a verdade** e a liberdade, sem a qual a inteligência é impotente.

P. – Que representa Abairam?

R. – A ignorância, a liberdade cerceada, a corrupção e o crime.

P. – Cumpristes vosso dever?

R. – Procurei e venci o assassino de Hiram.

P. – Onde o encontrastes?

R. – Na caverna, cuja entrada estava oculta por um espinheiro.

P. – Que representa a caverna?

R. – **A consciência humana.**

P. – Que representa o espinheiro?

R. – A ignorância e os preconceitos que impedem a luz de penetrar na consciência.

P. – Quem vos guiou à caverna?

R. – Um desconhecido.

A abertura dos trabalhos dá-se com uma dupla aclamação e punhais em riste:

– pela causa da civilização contra a barbárie!

– pela causa do ensino e de sua eterna luta contra a ignorância!

[...] a ignorância só pode ser ferida mortalmente pela ciência, isto é, pelo livro, pela escola, pelo estudo da natureza. (Grau 14, p. 28)

– Leitura de Samuel II, cap. 22, vers. 21

Grau 10 – Mestre Eleito dos Quinze

P. – Que nos ensinam neste Grau?

R. – Que aquele que infringir seu juramento ou for traidor será castigado. (p. 16)

Lei do eterno retorno: colhe-se o que se planta.

Lema do Grau: liberdade e tolerância (p. 36)

– Leitura de Gênesis, cap. 9, vers. 6

Grau 11 – Sublime Cavaleiro Eleito dos Doze

Presos os últimos dois assassinos, é tempo da justiça regular pronunciar sua sentença.

Grau 12 – Grão-Mestre Arquiteto

Além da justiça regularmente organizada, impõe-se o trabalho árduo da ciência exata, da moral, da política, da economia social, dos direitos do povo, dos direitos individuais, pois “tudo está sujeito a regras matemáticas, que é mister compreender e aplicar.” (Grau 14, p. 33)

Ou seja, as técnicas do Governo.

Grau 13 – Cavaleiro do Real Arco

O Real Arco é sempre consagrado à noção de Deus (Grau 14, p. 35)

P. – Onde foste recebido?

R. – Sob a abóboda subterrânea, cavada na rocha que descobri ao explorar ruínas do antigo Templo. **Sobre a Pedra, li o nome de Deus, mas não sei pronunciá-lo.**

– Ao espírito do homem deu-se a liberdade. Qual a sua primeira pesquisa? Deus! **Onde se encontra Seu nome? Sobre a Pedra Cúbica.**

Grau 14 – Perfeito e Sublime Maçom

Último dos graus inefáveis. Lenda de Hiram e construção do 1º templo.

O Ritual promove uma retrospectiva dos graus anteriores e o aprendizado que proporcionaram.

P. – Irmão Orador: podemos, então, desde já, considerar os Iniciandos Perfeitos Maçons?

R. – Os iniciandos têm as qualidades, mas não encontraram as letras sagradas na Pedra Cúbica, não souberam ler o nome que elas formam.

– **Se não souberam ler a Palavra, para que lhes servirá o restante?** (p. 39)

A verdade não consiste em negações. O Templo a construir **deve ser uma afirmação, uma certeza, uma equação entre o conhecimento e a realidade.** (p. 39)

Meus irmãos, impõe-me o dever de enviar-vos em busca da Verdade. (p. 40)

Reafirmo meus compromissos anteriores. Guardarei segredo deste Grau e empregarei todas as minhas forças para distinguir a Verdade. (p. 43)

P. – **Meu irmão, qual foi o nome que vistes na Pedra Cúbica?**

(Essa pergunta é repetida três vezes, e a resposta é sempre o silêncio.)

Diz a Lenda que, desde a época em que Jabulum, Joabem e Stolkin, por concessão divina, **acharam o Santo Nome gravado no novo Arco, debaixo da pedra em que Enoch o escondera sob o Santuário do Templo** [...] (p. 55)

Quando Jerusalém foi tomada e destruída por Nabuzardan, General de Nabucodonosor, rei da Babilônia, os Grandes Eleitos foram os últimos defensores do Templo. Penetraram na abóboda Sagrada e destruíram a Palavra misteriosa que nela se conservara por 470 anos, 6 meses e 10 dias, desde a dedicação do Templo. A Pedra Cúbica foi quebrada, derrubado o pedestal, tudo foi enterrado em um buraco de 27 pés de profundidade por eles cavado. Retiraram-se, depois, decididos a só confiar à memória o grande nome e a só transmiti-lo à posteridade por meio da tradição. (p. 47)

– Leitura de Levítico, cap. 24, vers. 5 e 6

Grau 15 – Cavaleiro do Oriente

P. – **Quem bate?**

R. – **Maçons que aprenderam a ler na Pedra Cúbica.**

P. – **Que desejais?**

P. – **Compreender.** (p. 15)

– A liberdade, como a compreendemos aqui, exige certa cultura intelectual, sem a qual a razão não saberia desbravar preconceitos e sofismas. (p. 17)

– A vulgarização de verdades novas é lenta, e sua integração nos costumes mais lenta ainda. (p. 18)

– Lenda: existia no Oriente uma seita filosófica chamada **Sociedade de Ormuz**. Seus adeptos professavam um misto de doutrinas egípcias e cristãs: denominavam-se **Sábios da Luz**.

– **Quando o Templo foi concluído e recebeu o depósito sagrado do Delta**, os eleitos pensaram que o trabalho estava terminado. A intolerância paralisou os espíritos e perverteu-lhes o coração. São corrompeu-se...

– Nabucodonosor [...] sitiou Jerusalém [...]. A Cidade Santa foi saqueada, as fortificações desmoronadas, o Templo destruído, os tesouros roubados, uma parte do povo morreu de fome e a outra [...] levada para o cativeiro. (p. 28-29)

– Não soubestes vos servir da liberdade e o tirano calcou aos pés a ciência, o amor e o direito, esmagou o gênio do homem. (p. 30)

– L. D. P. – **Liberdade de pensar.** (p. 36)

– Ide reedificar o Templo, que ele seja o Templo da Liberdade, para todas as opiniões, e da tolerância, que é o alicerce da Fraternidade. (p. 39)

– Leitura de Nehemias, cap. 4, vers. 17

Grau 16 – Príncipe de Jerusalém

P. – Para que nos reunimos? (p. 13)

R. – Para proclamar a liberdade das nações. (p. 14)

– Aquele que pretenda fazer-me feliz e que eu pense como ele, convença-me primeiro, e, se quiser que imite suas obras, ensina-me a desfrutar do que me apraz, me instrua e me eduque de modo consistente. (p. 23)

– Leitura do Livro de Esdras, cap. 1, vers. 2

Grau 17 – Cavaleiro do Oriente e do Ocidente

P. – Para que nos reunimos neste Grande Conselho?

R. – **Para aguardar a saída do Sol e aproveitar sua Luz, a fim de cumprir nossos deveres.** (p. 16)

– Para nós não há nacionais nem estrangeiros, porquanto aspiramos a que o Oriente e o Ocidente se entrelacem numa única família de irmãos. (p. 24)

– A Lei Fundamental da Liberdade proclama o Direito de Reunião. (p. 26)

– Leitura de Apocalipse, cap. 3, vers. 11 e 12

Grau 18 – Cavaleiro Rosa-Cruz ou da Águia Branca e do Pelicano

– Abertura dos trabalhos:

P. – Que horas são?

R. – É o instante em que o véu da Câmara foi dilacerado e as trevas e a consternação espalharam-se sobre a terra; em que a Luz obscureceu, desaparecendo a Estrela Flamejante; [...] em que a Pedra Cúbica verteu sangue e água; **é a hora em que se perdeu a Palavra.** (p. 43)

– **A Estrela Flamejante**

P. – Por que motivo estamos nas trevas e enlutados?

R. – A ignorância e a dor são a sorte do homem.

P. – Por quê?

R. – **Porque se perdeu a palavra.**

P. – O que significa essa linguagem?

R. – **Procuo o enigma do Universo e não o encontro. Sinto a morte lançar-me as mãos e tenho horror ao Nada.** (p. 56)

– As viagens: a fé, a esperança, a caridade.

– A natureza não está somente na matéria, mas também nas leis morais. (p. 68)

P. – **Que Estrela é essa que brilha nas trevas?**

R. – **É a aparição de uma nova lei.** (p. 57)

P. – Qual é a esperança que nos acalenta em meio às trevas?

R. – A de produzir a centelha que fará renascer a luz, o calor e a vida.

P. – Quem a deu ao sol?

R. – **Dizem uns que ela aí se gerou a si própria pelo ato primordial.** Resta, porém, saber de onde veio o movimento inicial. Os outros chamam-na Agni, ou Indra ou Varuna, outros, ainda, a denominam Ormuzd, Odin, Osíris, Iahved. Nada, porém, sobre ela se pode saber, porque temerária é a interpretação do mortal que pretenda impor um nome ao G.A.D.U. (p. 88)

– **Não! A verdade inteira ainda não foi encontrada!** (p. 92)

– Encerramento dos trabalhos:

P. – Que horas são, Irmão Primeiro Vigilante?

R. – A hora do perfeito Maçom.

P. – Que hora é essa?

R. – **O momento em que a Palavra foi achada; em que a Pedra Cúbica transformou-se em Rosa-Cruz; em que a Estrela Flamejante espalhou sobre o planeta seu esplendor; em que nossos utensílios retomaram o seu brilho, dissipando as trevas; a hora em que a nova lei reina em nossos trabalhos.** (p. 117)

– Leitura de São João, cap. 1, vers. 36

Grau 19 – Grande Pontífice

P. – Por que nos intitulamos Grandes Pontífices?

R. – Porque nos preparamos no Templo da Verdade ou da Jerusalém Celeste.

P. – **Que simboliza a Jerusalém Celeste ou o Templo da Verdade?**

R. – **Simboliza o Templo da Razão.** (p. 18-19)

– Meu irmão, do cume em que vos achais, podeis ver ao longe a Jerusalém Celeste, Templo Simbólico da Razão desse dom divino e **desse dever que temos de procurar a Verdade e de medir o grau que ela alcança, de procurar entre todos os sistemas, o único que está em harmonia com a sabedoria do Eterno e as aspirações da alma.** (p. 33)

– É o ALFA e o ÔMEGA [...] (p. 34)

A. – **A ponte está caída,** Venerável Irmão.

P. – **Por que não passaste pela fé?**

R. – A fé no desconhecido é patrimônio da ignorância.

A. – Retrocedei então, fazei-os sentarem-se para **que se preparem, a fim de atravessarem-na pela Sabedoria.** (p. 40)

– Uni com a Razão a **Lei Moral e a Lei Intelectual, procurai que estejam sempre em harmonia, e, quando encontrardes a base definitiva que as une, podereis entrar no Santuário.** (p. 51)

– Leitura de Apocalipse, cap. 22, vers. 13

Grau 20 – Mestre Ad Vitam

É necessário conhecer a Verdade, para demonstrar que todos são iguais perante a Lei. (p. 67)

Grau 21 – Patriarca Noaquita ou Cavaleiro Prussiano

A Magistratura deve ser livre e independente, e os juízes devem depender somente das leis constitucionais. (p. 70)

Grau 22 – Príncipe do Líbano

Sustentamos que só é livre quem trabalha e sabe viver do que produz ou ensina a produzir que somente é independente quem pode bastar-se a si mesmo.

– Leitura de Êxodo cap. 21, vers. 15

Grau 23 – Chefe do Tabernáculo

Consagrado à vigilância dos conservadores da Ordem.

Grau 24 – Príncipe do Tabernáculo
 Conservação da doutrina e construção da hierarquia

Grau 25 – Cavaleiros da Serpente de Bronze
 Deve-se quebrar pela força as cadeias do despotismo.

Grau 26 – Príncipe da Mercê ou Escocês Trinitário
 Consagrado à devida recompensa do gênio.

Grau 27 – Grande Comendador do Templo ou Soberano Comendador do Templo de Jerusalém.
 Para defesa da Lei, será nomeado Tribunal Supremo.

Grau 28 – Cavaleiro do Sol ou Príncipe Adepto
 Consagrado à verdade nua, útil à felicidade dos homens.

Grau 29 – Grande Escocês de Santo Andrés / Cavaleiro do Sol / Grão-Mestre da Luz

[...] os Príncipes Adeptos que pedem para que os elevéis a Grão-Mestres da Luz, abrindo-lhes a porta da Jerusalém Celeste. (p. 22)

– Nesta praça da Jerusalém Celeste, há um Cordeiro Imaculado, símbolo do Sol, [...] que nos redime ao resplandecer em Áries no equinócio da primavera.

– **Fluem do seu coração cinco rios de amor, sendo**

o primeiro, o paternal;

o segundo, o conjugal;

o terceiro, o filial;

o quarto, o fraternal e,

o quinto, o social.

– **que se fundem como manancial para formar o extenso, pacífico e maravilhoso lago de amor, o da filantropia. (p. 37-38)**

– Vossa instrução está completa. Sois livres. Haveis provado a Árvore da Vida e nada mais necessitais para serdes felizes. (p. 47)

– Leitura de Apocalipse, cap. 22, vers. 1 e 2

Grau 30 – Cavaleiro Kadosch

– A Escada Mística:

– Degraus ascendentes: **Amar a Deus**

(Gramática/Retórica/**Lógica/Aritmética/Geometria**/Música/Astronomia)

– Degraus descendentes: **Amar ao Próximo**

(Prudência/Tolerância/Perfeição/Candura/Doçura/Benignidade/Justiça)

– Leitura de Jó, cap. 16, vers. 17